

NÃO CHORES POR MIM ARGENTINA

*Regina Behar**

RESENHA: Tomáz Eloy Martínez. Santa Evita. São Paulo, Cia das Letras, 1996.

O romance "Santa Evita" lançado pela Companhia das Letras em 1996, de autoria do jornalista e romancista argentino Tomáz Eloy Martínez tem, em nosso entender, um interesse histórico, pois ajuda a perceber as possibilidades de uma narrativa literária e seus limites, quando se refere a um período histórico ou a personagens históricos. E esta personagem, que recentemente também forneceu argumento para o polêmico filme de Alan Parker, protagonizado pela não menos polêmica Madonna na pele de Eva Perón, é extraordinariamente denso. Daí porque, talvez, o filme de Parker tenha provocado tantas perturbações entre os que transformaram Eva Perón em santa, mito. A santidade é incompatível com a humanidade. O heroísmo é incompatível com a ambição de poder. A virtude é incompatível com o pecado. A grandeza dos discursos de libertação, incompatível com o desejo de manutenção do controle sobre a sociedade. Uma das qualidades do texto de Martínez é, justamente, o trabalho sobre as contradições dessa personalidade.

Os santos e heróis são supra-humanos, mas ídolos menores também povoam nosso cotidiano, e mesmo sobre estes, a exigência é que sejam incomuns, negando, com sua atipicidade, nossa existência pautada na normalidade da obediência aos padrões medianos que nos insere num mundo sem o risco das paixões heróicas, longe das possibilidades de destruição que as acompanham.

* Professora de História pela UFPB. Mestra em História pela UNB e Doutoranda pela Escola de Comunicação e Artes (USP).

Trata-se aqui, não de um pequeno ídolo do cotidiano mas de uma heroína nacional, ímpar em grandeza trágica nos nossos tristes trópicos, onde poucas mulheres marcaram a história oficial. Obviamente, Eva Perón não poderia ser interpretada pela “mal-afamada” Madonna. É um sacrilégio. É assim que reagem e repudiam o filme de Parker as massas peronistas, e não só elas mas parte da intelectualidade para quem Evita é referência da representação de uma promessa de futuro melhor, da redução das desigualdades, da realização dos pequenos sonhos dos “descamisados” numa Argentina que não ultrapassou, do ponto de vista social, os problemas que marcaram aquela sociedade nos anos 50.

A discussão de biografias ou romances biográficos levanta, do ponto de vista da História, uma questão de fundo, a do risco da exaltação das individualidades, remetendo para a tensa discussão do papel do indivíduo na História. Questão polêmica, pois, se os homens não fazem a História fora das condições de possibilidade de cada época e conjuntura, também não existe História sem sujeito (inclua-se aí a discussão do sujeito coletivo e sua problematização). Usando as palavras de Philippe Levillain :

“Era preciso Napoleão Bonaparte após a Revolução, Bismarck para a unidade alemã, cuja realização retardada teria mudado a face do mundo, Octávio para a Roma dividida, etc. Talvez. Mas a questão, que não é simples, concerne às relações entre o indivíduo e a História, e tudo depende se raciocinamos em termos de condições de aparecimento do protagonista ou de efeitos de sua ação sobre uma realidade social”²²⁰

E o que faz com que determinados homens estejam no centro dos acontecimentos e não outros? Heroísmo? Fanatismo? Carisma? Com certeza, neste texto não se pretende enveredar por esta discussão, que envolve saberes que vão da filosofia à psicologia, passando pela História. Nossa intenção é simplesmente resenhar um livro interessante não apenas pelo

²²⁰ LEVILLAIN, Philippe. “Os Protagonistas: da Biografia”: In: RÉMOND, René. Por uma História Política. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996, p. 160.

simplesmente resenhar um livro interessante não apenas pelo tema que aborda mas, também, pela originalidade com que o autor o narra. Mas aqui caberia, talvez, a questão: Como seria (ou haveria?) o peronismo sem Eva Perón?

O livro de Martínez, contraditoriamente humaniza e mitifica, como já apontamos, o personagem, que vai agigantando-se em sua multifacetada existência e, ao mesmo tempo em que reafirma o mito, expõe uma Evita demasiadamente humana.

O romance é, de imediato, uma surpreendente viagem pela patologia de uma Argentina vista para além do peronismo. Evita Perón aparece, assim, identificada com a saúde possível, ainda que moribunda em seu câncer terminal. A doença se estabeleceria depois dela, com seu corpo morto a vagar pelos recantos da loucura instalada.

O autor desse romance a propósito de um personagem histórico, o constrói e desconstrói permanentemente, trilhando o caminho do culto à santa que nomeia o livro. Ou talvez ela se construa sozinha, pois Eloy Martínez duvida permanentemente de sua capacidade de apreendê-la. Deixa-a conduzi-lo como um barco ao sabor da correnteza. Evita, o personagem-rio transforma-se sempre, repentinamente, em quedas d'água surpreendentes. E ele deixa-se levar, descendo rio abaixo, embriagado pelo fascínio que Ela lhe provoca. Resistira, diz ele, resistira durante muito tempo a Ela, mas quem poderia fazê-lo? Como continuar a resistir a essa imagem de santa, a essa personificação da pátria feliz, a essa quase-deusa que desce para realizar desejos, a essa Mulher?

A narrativa de Martínez tem como ponto de partida o desaparecimento do cadáver embalsamado de Evita Perón. Em torno desse fato, o autor constrói sua trama, qual aranha tecendo uma teia para se enovelar e fica preso no emaranhado de fios que, em certo momento, não sabe se foi ele ou Ela quem teceu. Segue arrastando-se penosamente pelo labirinto, buscando no corpo sem vida, a vida; na trajetória da morta ambulante, a história de um mito. Mas cai em todas as armadilhas que Ela lhe

prepara e desesperado indaga: Quem foi a verdadeira Evita? Encontra só pedaços que compõem versões. Ela é mistério, incógnita. A verdadeira não existe sem suas réplicas, seus múltiplos papéis, suas diversas faces. A verdadeira não pode ser descoberta porque existe e não é. Tornou-se símbolo e projeção dos desejos de outros. Ela passa a ser construção de todos os sujeitos movidos pelo ódio, ou pelo amor, ou pelo medo, ou pela impotência, ou esperança, ou desespero, ou loucura; e atende, como boa santa, a todos. Ela tornou-se imagens, múltiplos de si dentro do outro: do desejo dos pobres que a veneraram, dos ricos que a desprezaram e dos militares que a amaldiçoaram. E todos construindo essa gigantesca, terrível, onipresente personagem, e, entre eles, o autor.

Ele nos introduz em sua viagem rio abaixo, nos faz participar de sua queda vertiginosa em direção a Ela e tenta dividir com o interlocutor suas angústias e perplexidades ao longo da viagem. Em busca da alma penada de Eva Perón, persegue seu corpo morto, esperando, talvez, encontrar a alma imortal de uma santa impossível, inaceitável, que só era humanamente mortal. À medida em que monta seu quebra-cabeça, surgem o drama e a comédia, um quadro surrealista, ou talvez expressionista, cheio de tons rubros de sangue, numa tragicomédia macabra.

Ao longo do texto, Eloy Martínez revela constantemente sua impotência frente ao objeto indecifrável no qual se perdera. Tentando dominar aquela "pessoa" acabou dominado por Ela, terminando o romance com a afirmação: "Desde então, tenho remado com as palavras, levando Santa Evita em meu barco, de uma praia a outra do cego mundo. Não sei em que ponto do relato estou. Acho que no meio. Agora tenho que escrever outra vez." (p.335) Não há fim possível. A Santa é eterna, os mitos não morrem, o romance não fecha. Fica aberto para que se imagine o que viria, o rio continua a correr para além do ponto final.

Eloy Martínez, que buscara pelo mundo a verdadeira Evita, viajou ao passado, colheu depoimentos, recolheu

documentos, devorou jornais e imagens cinematográficas. Descobriu, entre outras, Eva Duarte, a interiorana pobre, a ambiciosa mocinha sem grandes atrativos, cantora e atriz sem muito talento, a amante do General Perón, a beleza fabricada cosmeticamente; descobriu, ainda, Eva Perón, a primeira dama da Argentina, a alma do peronismo, a mãe dos pobres, a morta embalsamada como obra-de-arte, o simulacro de Santa perdida nos corredores e labirintos de uma história cheia de aparições fantasmagóricas; a vingativa múmia causando desgraça, morte, loucura a quem tentasse violar seu corpo; a desejada, desprezada, amada, odiada, a que se recusava a morrer depois de morta.

O autor acabou, definitivamente, perdendo-se, como todos, no labirinto da busca, duvidando a cada momento da versão da qual se aproximava: Será só mais um papel da atriz? mais uma réplica da falecida? verdade, versão, fantasia, imaginário, realidade. De cada depoimento emerge uma nova Evita, que evapora em seguida, abrindo espaço para outra, numa seqüência permanente que leva o autor à sua quase-loucura:

"E assim vou avançando, dia após dia, pelo frágil fio entre o mítico e o verdadeiro, deslizando entre as luzes do que não foi e as sombras do que poderia ter sido, vou perdendo-me nesses meandros e ELA sempre me encontra. Ela não cessa de existir; de existir-me; faz de sua existência um exagero." (p. 177).

O romance acaba se tornando uma discussão em torno da impossibilidade da verdade e, ao mesmo tempo, uma quase-Ode ao peronismo. O autor acaba aderindo, ao longo da narrativa, ao "fanatismo" (?) dos que veneravam Eva Perón, a quem se atribui as seguintes palavras:

"Me gustan los fanáticos y todos los fanatismos de la historia. Me gustan los héroes, y los santos y los mártires, cualquiera que sea la causa y la razón del fanatismo."

*El fanatismo convierte a la vida en un morir permanente y heroico; pero es el único camino que tiene la vida para vencer la muerte.*²²²

²²² PAGE, Joseph A. (Introducción.) *Com Mis Propias Palabras: Eva Perón*. Barcelona: Grijalbo, 1996, p. 80.